

Editorial

Dando continuidade à publicação da revista *Agaquê*, neste seu terceiro número do segundo ano de publicação, devo primeiramente fazer uma declaração que, embora óbvia, não pode deixar de ser feita: estamos atrasados no nosso cronograma. Este número da revista deveria ter sido colocado no ar em janeiro de 2000 mas está sendo concretizado apenas agora, mais de três meses depois de sua data programada.

Por um lado, mais uma vez as dificuldades de infra-estrutura impediram que o trabalho fosse executado conforme o previsto: o editor da revista esteve, nos últimos meses de 1999 e nos iniciais de 2000, envolvido com a elaboração de sua tese de livre-docência, o que tomou a maior parte de seu tempo de trabalho. A organização do número seguinte da revista *Agaquê* teve, assim, que ser postergada até o término da tese. Conseqüências de uma iniciativa que se tornou demasiadamente dependente dos esforços de um único indivíduo.

Por outro lado, fatores políticos e conjunturais na Escola de Comunicações e Artes (ECA) afetaram o trabalho do Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos e retiraram de seu coordenador a tranquilidade necessária para preparação da revista. Esses fatores envolveram a extemporânea mudança física do acervo de histórias em quadrinhos possuído pela escola - originalmente constituído pela professora Sonia Bibe Luyten e há muitos anos sob a guarda do Serviço de Biblioteca e Documentação da ECA -, e a posterior confrontação, algumas vezes realizada de forma passional, com os responsáveis pela decisão. O assunto acabou tomando vulto maior que o imaginado, dele também participando mais de duas centenas de defensores das histórias em quadrinhos que enviaram e-mails ao diretor e vice-diretor da escola, solicitando que tomassem posição favorável à manutenção do espaço a eles originalmente destinado. Ainda que neste momento inconclusa, a questão, no entanto, permanece como sintomática das dificuldades que as histórias em quadrinhos tendem a enfrentar no ambiente universitário brasileiro. Uma história para ser contada e analisada no futuro (talvez eu até o faça, um dia...).

Mas nem tudo são más notícias. Para a elaboração deste número da revista, contei com a colaboração sistemática de um aluno da USP, o Marco Túlio Vilela, que semanalmente dedica algumas horas de seu tempo para o Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos. O trabalho de Túlio foi decisivo para a preparação deste número, pois ele atuou em várias etapas, fazendo a revisão dos textos, discutindo os conceitos apresentados, propondo idéias para complementação, formatando o material e até mesmo traduzindo do espanhol a comunicação aqui incluída. O presente número não teria ficado pronto sem ele. Sua contribuição foi inestimável. Em nome do Núcleo de Pesquisas e no meu próprio, expresso aqui, publicamente, o nosso agradecimento.

O presente número da *Agaguê* traz algumas novidades. Em primeiro lugar, ele foi praticamente composto a partir de trabalhos acadêmicos apresentados em duas disciplinas versando sobre histórias em quadrinhos, ministradas, respectivamente, nos cursos de graduação e pós da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Como professor de ambas as disciplinas, cheguei à conclusão de que o trabalho monográfico apresentado ao final do semestre não deveria ter por objetivo atender apenas as exigências burocráticas da escola, mas, muito mais, quando justificável, ser levado a público para ampliar e aprofundar a discussão sobre o tema. Felizmente, ser editor de uma revista eletrônica me permite fazer isso de forma bastante ágil e achei que deveria implementar essa medida, inclusive como uma maneira de incentivar os alunos na pesquisa e redação de artigos científicos sobre histórias em quadrinhos. Sendo um otimista incurável, imagino até que grandes vocações de pesquisadores podem estar sendo despertadas com essa medida. E isso também me faz pensar na quantidade de trabalhos de conclusão de disciplinas ou mesmo de curso, elaborados em universidades brasileiras, que versam sobre histórias em quadrinhos. Não tenho dúvidas de que muitos deles poderiam ser transformados em artigos para publicação nesta ou em outras revistas que venham a surgir.

(precisamos de muitas). Assim, apelo aos professores universitários deste país para que não guardem apenas para si aqueles textos e idéias de seus alunos que entendam merecer divulgação. Os quadrinhos, com certeza, merecem - e necessitam -, que eles sejam divulgados.

O primeiro artigo deste número, escrito por Danilo César e Marcelo Ferlin Assami, aborda o trabalho de André Toral, quadrinhista brasileiro que tem uma produção significativa e muito pessoal, caracterizando-se pela ligação com a realidade nacional e uma pesquisa histórica aprofundada - uma "obra de autor", no verdadeiro sentido da palavra. O artigo analisa o trabalho de Toral e compara-o com outros autores de quadrinhos, como Lourenço Mutarelli e Luis Gê, apontando similaridades e diferenças entre eles. Ao final, os autores concluem que, "ao se basear em uma pesquisa histórica, evidenciando a preocupação com o contexto onde as histórias ocorrem, sem que o rigor o faça cair no didatismo ou comprometa a fluência da leitura, Toral traz uma nova perspectiva para os quadrinhos nacionais".

No segundo artigo, Marco Aurélio Moretti, editor de quadrinhos de super-heróis da Editora Abril, afasta-se um pouco de sua atividade profissional diária e analisa os *sites* da internet que tratam de histórias em quadrinhos. Nessa análise, ele realiza um levantamento amplo de vários e apresenta uma tipologia, baseada em três estudos de caso específicos: o *site* da Editora Abril, o Bigjack e o Cybercomix. Seu trabalho, em dúvida, permite compreender melhor a forma como as histórias em quadrinhos podem se beneficiar dos novos meios eletrônicos, possibilitando ter uma visão crítica dos caminhos que este meio de comunicação de massa irá trilhar no futuro.

Na seção "comunicações" inclui-se um texto interessante sobre os *mangás* em Cuba, elaborado por Roberto Hernandez, estudioso e colecionador de histórias em quadrinhos (provavelmente o possuidor do mais vasto acervo de revistas de histórias em quadrinhos da maior ilha do Caribe). O texto é interessante já por sua proposição temática, ao abordar um tipo de produção característica da cultura japonesa em um país que praticamente não teve imigração desse povo. O que demonstra a força e prestígio que essa modalidade de histórias em quadrinhos adquiriu no mundo inteiro. Nesse sentido, o trabalho de Roberto vem se juntar ao elaborado por Fernando Suárez sobre os *mangás* na Colômbia, disponibilizado pela internet em outubro de 1999, no número 2, ano 2, da revista *Agaquê* (<http://www.gibindex.com/nphqeca>).

Seguindo a prática adotada em números anteriores da revista *Agaquê*, o presente número também é fechado com uma resenha de um livro sobre histórias em quadrinhos. O escolhido foi a obra de Trina Robbins, conceituada estudiosa da área, que já escreveu muitos livros sobre o tema. Sua última publicação, *From girls to grrrlz: A history of comics from teens to zines*, aqui analisada, a autora dá prosseguimento a sua grande paixão como historiadora, a análise dos quadrinhos feitos para mulheres ou produzidos por elas.

PROF. DR. WALDOMIRO C. S. VERGUEIRO

Coordenador do Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos da ECA/USP